

UMA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA: A CRISE DO CACAU E O MOVIMENTO SOCIAL PELA TERRA NO SUL DA BAHIA, NOS ANOS 90

Salvador D. P. Trevizan¹

RESUMO - Como entender a expansão do movimento social pela terra na região do cacau na Bahia? Seriam os determinantes dos movimentos sociais, em geral, capazes de explicar o fenômeno em nível regional? Estudos recentes mostram que a crise do cacau, especialmente a doença vassoura-de-bruxa (*Crinipellis perniciosa*), estaria provocando transformação na estrutura fundiária na tradicional região cacauceira e, dessa forma, contribuindo para explicar a expansão do movimento em nível regional. Qual seria, então, a relação entre o movimento de luta pela terra na região e a crise do cacau? Estaria a vassoura-de-bruxa afetando o movimento em nível regional? Para investigar tais questões foram levantados dados referentes aos grupos de sem-terra, formados na região central do cacau, na Bahia, no período 1980-1996. Os dados revelam nítida relação entre um fenômeno e outro. Assim, a desestabilização da economia regional, via crise da economia cacauceira, seria indispensável, além dos condicionantes gerais, para se entender a expansão do Movimento dos Sem-Terra em nível regional.

Palavras-chaves: Movimento social, sem-terra, relação sociedade-natureza.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS: FATORES DETERMINANTES

Todo movimento social é uma forma de comportamento coletivo, embora nem todo comportamento coletivo constitua um movimento

¹ Sociólogo, Ph.D. - Pesquisador Principal do Centro de Pesquisas do Cacau e Professor do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA. E-mail: salvador@jacaranda.uesc.br

social. Nessa categoria inclui-se aqueles comportamentos que buscam mudanças radicais ou reformistas, podendo apresentar vários níveis de organização. Assim conceituado, incluem-se em movimentos sociais um espectro amplo de fenômenos sociais que envolvem desde manifestações do tipo passeatas e greves de grupos ou categorias sociais, até levantes armados e revolução. Por sua organização e objetivos, o movimento de luta pela terra apresenta todas as características de um movimento social.

Na década de 90, aparentemente, há uma expansão inusitada do movimento social dos trabalhadores sem-terra no sul da Bahia, particularmente na tradicional região do cacau, coincidindo com a expansão da doença vassoura-de-bruxa (VB), *Crimipellis perniciososa*, que dizimou os cacauais, base da economia regional. A simultaneidade desses dois fenômenos, embora de natureza diversa - um social, outro de natureza biológica - gerou especulações sobre a possível relação entre ambos, e sobre a compreensão do movimento na região.

Para que o movimento social seja bem sucedido, a literatura destaca a necessidade de uma organização formal interna (Wood and Jackson, 1982) e a quantidade numérica dos seus participantes (Tilly, 1974). A organização formal interna pode definir o sucesso ou insucesso do movimento e refere-se à hierarquia ou aos níveis de autoridade interna ao movimento, em que há distinção entre líderes e seguidores, assim como diferentes níveis de liderança.

Na busca de uma explicação geral para formação e atuação dos movimentos sociais, Smelser (Apud, Wood and Jackson, 1982) faz referência a seis fatores que considera necessários e suficientes ao movimento social em geral: permissividade estrutural, constrangimento estrutural, crescimento e difusão de uma consciência generalizada da causa dos problemas e das soluções alternativas, mobilização dos participantes por meio de lideranças, fatores precipitantes, e ineficácia das instituições que exercem o controle social (tais como exército, polícia, governo, imprensa, igreja e autoridades em geral). O autor refere-se a movimentos sociais que se originam de uma organização da grande sociedade em que haja difusa tensão entre grupos, privações econômicas, difusão de ideologias radicais e descontrole social.

Entretanto, à luz dos seis determinantes postos por Smelser, não dá para se ter uma explicação satisfatória da expansão do movimento social

de luta pela terra na tradicional região cacauceira da Bahia, no mencionado período. É possível reconhecer no movimento a presença de permissividade e constrangimento estruturais, de consciência generalizada de problemas e soluções, e de mobilização dos participantes, indicados por Smelser, mas não a presença de fatores precipitantes, nem a ruptura da capacidade das instituições que exercem o controle social.

A permissividade estrutural refere-se ao arranjo político institucional que permite o movimento. Sociedades democráticas, por exemplo, permitem manifestações e protestos, ao contrário de sociedades com estrutura política autoritária. O arranjo político institucional da realidade brasileira atual permite certos níveis de protestos e manifestações de massa. As manifestações pelas “diretas já”, em 1984; pelo *impeachment* de Collor, em 1992; e a caminhada dos sem-terra à Brasília, em abril de 1997, são casos concretos da permissividade estrutural.

O constrangimento estrutural refere-se às privações, tensões, conflitos e discrepâncias sociais. Desemprego, fome, grupos de conflito e ameaças de guerra são vistos dentro dessa categoria. Na realidade brasileira, os determinantes dos movimentos de luta pela terra, como concentração de renda, concentração de terras, fome, desemprego e subemprego, caracterizam a presença do constrangimento estrutural.

A crença ou consciência generalizada da causa dos problemas e a origem de possíveis soluções referem-se a grandes ideologias, como democracia, capitalismo, comunismo, socialismo, fascismo, etc. Além da existência da crença, é importante seu crescimento e sua difusão generalizada na sociedade. No caso específico dos participantes do movimento de luta pela terra, essa convicção generalizada existe, pelo menos no que se refere à organização Movimento dos Sem-Terra (MST). É facilmente reconhecida, entre os membros participantes do movimento, a consciência difusa de que existe uma massa de brasileiros desempregados, desejosos de obter um espaço para trabalhar e produzir, porém desprovidos dos meios de produção como a terra; de que tal realidade não é devida ao acaso, mas produto de uma histórica estrutura de poder que privilegia poucos; e de que a mudança de tal realidade só pode acontecer mediante a mobilização coletiva e participativa dos que necessitam e desejam tal mudança. Obviamente, essa convicção é

produto do trabalho educativo e persistente das lideranças que organizam o movimento. Aliás, a educação para a cidadania, com vistas no reconhecimento dos direitos do cidadão, é uma das ações pedagógicas que desempenha o MST. Realiza-se, por meio da vivência e da escola dos acampamentos/assentamentos, um processo de conscientização do cidadão. É mediante esse processo que, segundo Jacobi (1990), vincula-se a percepção das carências com a ação reivindicatória que, juntos, tornam-se elementos motrizes da mobilização social.

A mobilização dos participantes refere-se à organização das massas pelas lideranças, organização esta vista como necessária para tornar realidade um possível movimento social.

No caso dos movimentos dos trabalhadores sem terra, é preciso distinguir as diversas orientações e práticas de luta existentes em nível nacional. No que se refere ao MST, um simples estudo organizacional indica a evidência de um movimento altamente organizado, com hierarquia interna bem definida, ao mesmo tempo que funciona de forma participativa.

Como prevê Goldstone (1986), o movimento social de camponeses sempre envolve a participação de outros grupos sociais. Assim, também o MST tem a participação de lideranças e de membros da elite urbana, mas trata-se de liderança e de uma elite com raízes no campo, e é exatamente essa situação que lhes permite liderar um movimento que busca mudanças estruturais na sociedade, especialmente no setor agrário.

Fatores precipitantes são eventos que agravam a situação de privações, de constrangimento e a permissividade estrutural, e estão relacionados com as mudanças direcionadas a normas ou aos valores. No caso de mudanças direcionadas a normas, trata-se de mudança do tipo reformista; no caso de mudanças direcionadas a valores, trata-se de mudança do tipo estrutural ou radical.

Um caso típico de fator precipitante, recentemente ocorrido no Brasil, poderia ser a queima do cacique indígena Galdino, da tribo Pataxó, em Brasília, em maio de 1997, provocando protesto nacional e tornado ágil o processo de desapropriação de terras reivindicadas pelos indígenas no sul da Bahia. É um evento que produz mudança direcionada a normas e, por isto, mudança do tipo reformista. Mas não é possível reconhecer um evento dessa natureza na expansão do movimento pela terra no sul da Bahia.

Também não se podem reconhecer um enfraquecimento ou uma diminuição da eficácia das instituições no controle social, quer em nível nacional, quer em nível regional ou local. Mesmo assim, o movimento de trabalhadores sem terra, especialmente os liderados pelo MST, tem crescido de forma extraordinária no sul da Bahia, nos anos 90, particularmente na tradicional região do cacau.

Os seis determinantes necessários de Smelser, portanto, não são todos necessários, nem suficientes, para se entender o movimento social pela terra na tradicional região do cacau, no período em questão. Estariam faltando elementos de natureza psicossocial ou socio-cultural do tipo referido por Batista (1996), como a visão dos participantes do movimento ou, como se referem Viola, Scherer-Warren e Krischke (1989), orientações simbólico-expressivas? Tais aspectos estariam, em grande parte, representados pelo que ficou definido como crença ou consciência generalizada do problema e sua solução. Certamente, não se podem ignorar o que se passa com o movimento em nível nacional e as repercussões no âmbito externo, mas há de se considerarem fatores específicos localizados.

Uma vez que a reforma agrária, no Brasil, não acontece de forma estrutural ou radical, como pretende o movimento, mas se dá por soluções que atendam a conflitos localizados, é preciso identificar e caracterizar fatores específicos que tornam viável a deflagração do processo em nível local.

A LUTA PELA TERRA E A CRISE DO CACAU

A expansão do movimento social dos trabalhadores sem-terra e conseqüente formação de grupos, acampamentos e assentamentos, em nível nacional, têm suas bases na pressão social caracterizada pela elevada concentração de renda, pela existência de inúmeras pessoas de origem predominantemente rural, desempregada ou subempregada, muitos dos quais lutando pela sobrevivência, outros buscando uma forma de vida capaz de construir com dignidade o futuro da família. Paralelamente está a estrutura agrária, com elevada concentração de posse da terra e com parcelas de terras devolutas, lado a lado com uma economia que não oferece condições de trabalho. Como facilitador vital do movimento

está a legislação que cria expectativas de desapropriação de terras em favor dos sem-terra, por meio da legislação que estabelece, como critério de reforma agrária, a função social da terra, ao mesmo tempo que a imprecisão em definir tal função permite a agressão ao meio ambiente por parte do grande proprietário rural, ao destruir a mata para introduzir pecuária extensiva.

Pressão social, estrutura fundiária e estrutura produtiva estão, pois, na origem do movimento. A legislação, ao definir a função social da terra, como critério de desapropriação, pode ser vista como estimuladora pacífica do movimento. Não teria efeito causal, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, o movimento poderia acontecer, muito embora de forma mais conflituosa, porque é típico dos movimentos sociais colocarem-se à margem da legalidade, pelo menos até que atinjam hegemonia e passem, então, da clandestinidade ao reconhecimento social e legal.

A compreensão do movimento pela terra na região do cacau na Bahia, na década de 90, completa-se com a ruptura da base da economia regional, o cacau, criando condicionantes que tornam viável a expansão do movimento em nível regional. A relação entre o movimento e a referida crise será o objeto de investigação deste trabalho.

A manutenção de preços reais decedentes e de custos de produção crescentes, resultante de doenças², particularmente da VB, gera acentuada descapitalização do produtor de cacau, em razão da hegemonia desse cultivo, em relação a outras atividades econômicas no sul da Bahia, especialmente na região que se situa entre os rios de Contas, ao norte, e rio Pardo, ao sul, numa faixa de, aproximadamente, 50 km entre o Atlântico e o interior (Figura 1). Descapitalizado o produtor, endividado, e mantidas as tendências de mercado, assim como as condições tecnológicas de controle das doenças do cacau, a empresa cacauzeira torna-se um empreendimento econômico desinteressante. Consequentemente, é possível prever o surgimento de, pelo menos, um dos seguintes processos: ou a substituição da atividade cacauzeira

² Informações sobre a persistente queda de preços reais e aumento dos custos de produção devidos a maiores exigências de mão-de-obra e de insumos para controle de doenças baseiam-se em dados existentes na Seção de Socioeconomia do Centro de Pesquisas do Cacau/CEPLAC.

por outro cultivo de interesse do grande produtor, ou a repartição das grandes propriedades em pequenas áreas onde se manteria o cultivo do cacau, entre outras atividades, num sistema do tipo familiar.

Caso a primeira alternativa não se torne viável no curto prazo, os preços da terra tenderão a cair, os investimentos na propriedade diminuirão drasticamente, e as grandes propriedades forçosamente serão abandonadas, repartidas e vendidas. A possível ocorrência do sistema de parceria, nesse processo de mudança, poderá verificar-se como um estágio que antecede o sistema familiar, ou como alternativa de contrato que torne viável a grande propriedade, que convive com a VB.

Em trabalho anterior (Trevizan, 1996), registraram-se indícios de um processo de concentração fundiária na região de maior impacto sócio-econômico, em razão da BV, na Bahia. Tal fenômeno teria sido observado, pela primeira vez, cinco anos após o primeiro reconhecimento daquela doença no sul da Bahia. Não é possível, entretanto, assegurar que essa tendência seja definitiva na região. Na verdade, reconhece-se (Trevizan e Silva Júnior, 1995) que mudanças na estrutura agrária e na sociedade regional, em razão da crise do cacau, continuariam sendo observadas, até que se redesenhasse nova estrutura produtiva, em caráter mais estável.

Embora alguns proprietários venham encontrando alternativas no cacau, o desânimo que domina grande parcela de cacauicultores em razão da VB e dos baixos preços do produto leva-os a abandonar as atividades produtivas e a pôr fazenda a venda.

O desejo em desfazer-se da propriedade, entretanto, esbarra nos baixos preços da terra no mercado regional, em decorrência da crise³. Em tais condições, nem cultivar nem vender a terra torna-se atraente ao proprietário. Manter a terra improdutiva torna-se uma alternativa necessária, embora, para a maioria, seja impraticável manter-se em tal situação por longo tempo.

Se, de um lado, estão produtores ansiosos por desfazerem-se da terra, por outro lado, centenas de fazendas abandonadas ou semi-abandonadas convivem, lado a lado, com milhares de trabalhadores desempregados das fazendas de cacau, por força da crise, ou subempregados, lutando

³ Estima-se uma redução de 80% no preço da terra com cacau, de 1985 a 1995, no sul da Bahia.

pela sobrevivência. Enquanto isto, cresce, em nível nacional, o Movimento dos Sem-Terra.

Há, pois, na primeira metade da década de noventa, no sul da Bahia, condições excelentes para a expansão do movimento pela terra. Assim, o movimento pode-se constituir num mecanismo de redistribuição fundiária na região, tendo a crise do cacau e a VB como coadjuvantes.

Para assegurar se a crise do cacau e a VB estão associadas à expansão do movimento e ao processo de desconcentração da terra na região, deve-se constatar se estão, ou não, relacionados com a formação dos assentamentos/acampamentos; se a procedência dos participantes se origina das fazendas de cacau, ou não; e se as razões de estes optarem pelo movimento se relacionam com desemprego ou insatisfação com o trabalho nas fazendas.

A partir dos condicionantes acima expostos e de constatações pessoais, trabalhou-se com a **hipótese** de que, na década de noventa, teria havido um incremento do Movimento dos Sem-Terra na região central do cacau, na Bahia, e que tal movimento estaria, significativamente, condicionado pela crise do cacau, particularmente com a doença VB.

Objetivamente, identificaram-se os acampamentos e assentamentos que teriam ocorrido no sul da Bahia, nas décadas de oitenta e noventa, sob orientação política do Movimento dos Sem-Terra (MST), do Movimento de Luta Pela Terra (MLT) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Posteriormente, investigaram-se a procedência dos participantes do Movimento - de fazendas com lavouras de cacau ou outro cultivo, do meio urbano ou rural, de passado ligado à atividade agrícola ou não - e as razões que teriam motivado os participantes dos grupos a envolverem-se no movimento.

CONCEITUAÇÃO

Antes de passar para os aspectos metodológicos, considera-se relevante que, para efeitos conceituais, se registrem as **diferenças entre acampamento e assentamento**. Ambos constituem fases distintas de um mesmo processo: a reestruturação fundiária e organização social

da produção. O **acampamento** precede ao assentamento. O primeiro objetiva a pressão política e a formação social dos participantes. É uma fase de conflitos externos e internos ao grupo. Conflitos externos ocorrem entre o grupo com proprietários de terra e com organizações da máquina administrativa e repressiva do estado, enquanto os conflitos internos ao grupo ocorrem no processo de conhecimento e compreensão do comportamento dos indivíduos entre si, e de ajustamento entre os interesses individuais com os interesses coletivos e com a filosofia do movimento. Assim, por exemplo, com exceção das lideranças, há insatisfação com a idéia do coletivo, no que se refere à produção agrícola, embora haja concordância generalizada de que, para certos fins, o coletivo seja a única alternativa. Pode-se dizer que esta seja uma fase de aprendizagem, de formação e de depuração do grupo. A sobrevivência do grupo, nessa fase, é garantida, em parte, pelo trabalho dos membros, pela ajuda oficial do INCRA e de algumas prefeituras e, especialmente, pela ajuda da comunidade civil. Visualmente, reconhece-se o acampamento pelos inúmeros barracos montados provisoriamente, cobertos com plásticos ou lonas que o movimento arrecada. O **assentamento** constitui a fase em que os conflitos provenientes da luta pela conquista da terra já foram solucionados. Nessa fase, observa Caldart (1996), o grupo já se estruturou quanto à organização da produção e normas de vivência comunitária. É a fase de luta para construir o futuro pessoal, familiar e comunitário. Aqui, a sobrevivência do grupo baseia-se na produção do grupo. Visualmente, os barracos improvisados, cobertos de plásticos e lonas, começam a ceder lugar a construções mais definitivas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Duas unidades de investigação, de dimensões diferentes, foram utilizadas para estudar o tópico em questão: uma unidade de nível macro, o grupo (acampamento/assentamento), outra de nível micro, o indivíduo do grupo.

Considerando-se o dinâmico relacionamento, corpo-a-corpo, entre grupos e entre indivíduos pertencentes à mesma facção dentro do movimento, a identificação dos acampamentos e assentamentos, na

região, pode ser satisfatória por meio do contacto com informantes localizados em pontos e estrategicamente posicionados. A partir de tal princípio, mantiveram-se contatos com funcionários do MST em Itabuna e com militantes que ocupam posição de liderança dentro dos acampamentos e assentamentos já definidos.

Uma vez que a VB, identificada no sul da Bahia em 1989, foi o que conferiu à crise do cacau força para transformar o perfil regional, bastaria observar as diferenças a partir dessa data. Mas, para maior segurança, procurou-se identificar os acampamentos e assentamentos formados na década de oitenta e de noventa (até 96), na região.

Para investigar a relação existente entre a formação dos grupos dos sem-terra e a crise do cacau, em particular com a VB, entrevistou-se uma amostra de 113 participantes de cinco dos seis grupos reconhecidos na região indicada, na década de noventa, sob orientação do MST, MLT e CPT. A seleção dos indivíduos na amostra foi realizada de forma accidental, isto é, o(a) chefe de família ou cadastrado(a) no movimento foi entrevistado(a), à medida que era encontrado(a) no acampamento/assentamento. Isto foi feito percorrendo-se o interior de cada acampamento/assentamento, a fim de garantir maior representatividade da amostra. Utilizou-se, como instrumental de coleta de dados, um questionário semi-estruturado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados, no período de novembro-dezembro de 1996, onze grupos (acampamentos/assentamentos) na grande região cacauceira, os quais se teriam formado no período de 1980 a 1996. Destes, cinco eram anteriores e seis posteriores à VB. Entretanto, os cinco grupos anteriores à doença localizam-se em municípios ao norte da zona central do cacau, em área de transição para o recôncavo baiano, onde haviam tradicionais conflitos de terra no passado. Nenhum *movimento* de Sem-Terra se formou na zona central do cacau, antes que surgisse a VB no sul da Bahia⁴. Na década de noventa, acompanhando o impacto da

4 Vários assentamentos de reforma agrária surgiram antes dessa época no Sul da Bahia, próximos do litoral, mas todos eles se caracterizam por serem formados por indivíduos ou posseiros que, isoladamente, se aventuram na conquista da terra. Dessa forma, acabam se juntando, sem, contudo, formarem grupo com formação e organização social e política, e organização produtiva.

VB na economia cacauceira, houve proliferação de grupos. Todos os seis grupos ocorridos nessa década, isto é, após o surgimento da doença, aconteceram em municípios localizados na zona central do cacau (Tabela 1). Com poucas exceções, todos os grupos pesquisados se referem a grupos de luta pela terra, orientados pelo MST.

Para análise da associação entre a presença da VB e o Movimento dos Sem-Terra na zona central do cacau, podem-se organizar os dados da Tabela 1, conforme desenho da Tabela 2. Tal desenho indica uma associação, em nível macro, entre a VB e a dinamização dos grupos de sem-terra na região cacauceira da Bahia.

A prova de Fisher (Apud, Siegel, 1976) - $p \leq 0,0022 < \alpha = 0,01$, confirma a diferença significativa na formação de grupos de trabalhadores sem-terra na zona central do cacau, depois da ocorrência da vassoura-de-bruxa na região (Tabela 2). Em nível da micro análise, isto é, a partir dos indivíduos que participam dos movimentos, constatou-se que, na média geral, 62% dos participantes, nos seis grupos localizados na zona central do cacau, procediam de roças de cacau. Há, entretanto, variação significativa de um acampamento/assentamento para outro (44% na Loanda, até 82%, na Nova Ipiranga). Os que procedem de fazendas não produtoras de cacau desenvolviam atividades ligadas a produtos como seringueira, coco, dendê, etc., ou à pecuária, e representam 21% da amostra. Em 17% dos casos, havia trabalhadores ou desempregados oriundos do meio urbano, embora muitos destes tenham história de vida ligada ao trabalho agrícola. Apenas 08% dos participantes do movimento não têm passado pessoal ou familiar ligado a atividades agrícolas (Tabela 3).

Tabela 1 - Grupos de luta pela terra na região cacauceira da bahia, no período de 1980-1996

Acampamentos/ Assentamentos	Município	Ano	N.º de cadastrados
VilaTancredo Neves	W. Guimarães	1985	67
Riacho do Mucungo	W. Guimarães	1985	-
Novo Horizonte	W. Guimarães	1985	150
Vila Boa Esperança	Valença	1986	70
Mariana	Camamu	1988	28
Terra a Vista	Arataca	1992	100
Conjunto Conceição (3 grupos)*	Ilhéus (Japú)	1993	100
Luanda	Itajuípe	1995	129
Nova Ipiranga	Camacan	1996	129
Oregon	Uruçuca	1996	40
Piedade/Taboquinhas*	Una	1996	60
Total			849

Fonte: Escritório Regional do MST de Itabuna, BA.

* Grupos de orientação diferente do MST.

Tabela 2 - Grupos de trabalhadores rurais sem-terra na zona central do cacau no sul da bahia, antes e depois do surgimento da vassoura-de-bruxa na região

Zona central do cacau	Antes da VB	Depois da VB	Total
Dentro	0	6	6
Fora	5	0	5
Total	5	6	11

Tabela 3 - Último local de trabalho, antes de entrar no movimento, por acampamento/ assentamento

Acampam./ Assentam.	Roça de Cacau		Outros cultivos		Procedência urbana		Sem passado agrícola	
		%		%		%		%
Nova Ipiranga	14/17	82	3/17	18	00/17	00	00/17	00
Luanda	08/18	44	04/18	22	06/18	33	02/18	11
Terra a Vista	15/22	68	04/22	18	03/22	14	04/22	18
Conjunto Conceição	22/32	69	02/32	06	08/32	25	03/32	09
Piedade/ Taboquinhas	11/24	46	1/24	46	02/24	08	00/24	00
Total	70/113	62	24/113	21	19/113	17	09/113	08

Fonte: Dados da pesquisa.

Portanto, a probabilidade de os participantes do movimento serem procedentes de fazendas de cacau é sensivelmente superior à probabilidade de terem outra procedência. Tais dados consubstanciam a hipótese de associação entre o Movimento dos Sem-Terra na região e a crise do cacau. Nesse nível, pode-se obter um teste de tal associação com um desenho experimental, de acordo com a Tabela 4, com 1 grau de liberdade, conforme Memória (1960:101-3).

Tabela 4 - Procedência dos participantes dos grupos de sem-terra no sul da Bahia

Frequências	Procedentes de fazendas de cacau	Outra procedência	Total
Observadas	70.0	43.0	113
Esperadas	56.5	56.5	

Quiquadrado calculado = 13.49 > 6.64 tabelado (teórico), significante, a 1%, com 1 g. l.

No caso de independência entre a crise do cacau e a participação no Movimento dos Sem-Terra, os dados observados deveriam corresponder aos dados esperados. O teste de quiquadrado calculado (13.49) indica que as duas variáveis não são independentes entre si e que a dependência é significativa, a 1%, com 1 grau de liberdade.

Os dados revelam que o desemprego ou a instabilidade nas relações de trabalho gerados pela crise do cacau, particularmente pela VB, estimularam os trabalhadores rurais a engajarem-se no movimento em busca da terra. Todos os que procederam do cacau informaram que eram trabalhadores recentemente demitidos da fazenda de cacau, ou haviam solicitado a saída, em razão da instabilidade no emprego, introduzida com as novas relações de trabalho (“trabalho por contrato” ou contrato de trabalho em caráter experimental), por força da crise. Isto pode ser ilustrado com depoimentos de membros dos vários grupos estudados.

Seu Adalgiso, 53 anos, separado da família, diz que “era trabalhador rural no município de Camacan. Depois fui ser meeiro na fazenda ... Foi a

bruxa e o fogo que acabou com o cacau... Aí entrei no movimento.”

Seu Lourival, 41 anos, que residia no acampamento com a esposa e seis filhos, refere-se ao desinteresse dos fazendeiros em investir nas fazendas. Argumenta que teria entrado no movimento por causa da crise que estaria provocando desemprego generalizado: *“com a vassoura-de-bruxa, o pessoal foi ficando frio”*.

Nestor, 70 anos, que residia no acampamento com esposa e netos, observa que, nas condições atuais, a agricultura da região não gera mais emprego e declara que *“trabalhava na fazenda de outro em Arataca. Deixei prá entrar no movimento prá ver se conseguia uma terra. As fazenda, hoje, não aguenta mais ninguém”*. Nesse depoimento, além do problema do desemprego, está implícita a insatisfação de se trabalhar para outro, isto é, sem ter decisão sobre o destino do produto do seu próprio trabalho. É o velho sonho da terra própria, circunstanciado pelas condições que a crise impõe.

Movido pelo mesmo sonho, Maurino, 39 anos, separado da família, assim se expressa: *“O dono quis que eu saísse para voltar como novo depois de três meses. Ouvi falar na rua que iam botar gente aqui... meti as cara... Cada um no cantinho da gente é bom demais. A gente cria os bichinhos à vontade”*. Neste caso, o fator condicionante do envolvimento do trabalhador no movimento é a instabilidade gerada pelas novas relações de trabalho propostas ao trabalhador pelo fazendeiro.

Com raciocínio semelhante, Rosivaldo, 43 anos, que morava com esposa e quatro filhos no acampamento, informa que *“trabalhava em Camacan; veio a vassoura-de-bruxa e o patrão quis começar novo contrato depois de três meses... Não aceitei a proposta”*.

A mesma instabilidade que se introduziu nas relações de trabalho está expressa por Sito, trabalhador de 39 anos, vivendo no acampamento com esposa e seis filhos, quando diz *“não achei mais serviço de carteira assinada”*.

José Dias, 52 anos, que vivia no acampamento com a esposa, ingressou no movimento porque vivia na constante incerteza se encontraria trabalho no dia seguinte. *“Trabalhava na fazenda em Arataca. Só pegava trabalho para uma ou duas semanas, no máximo três meses. Depois tinha que andar”*. De forma semelhante, Osvaldo, 45 anos, com esposa e dois filhos no acampamento, diz que *“trabalhava na fazenda de cacau, mas era um dia sim, outro não”*.

Também na visão dos trabalhadores, é clara a percepção de que a crise do cacau e, especialmente, a VB são os fatores que teriam dinamizado o movimento pela terra por parte da população menos favorecida na região do cacau. Isto estaria possibilitando desencadear um processo de desconcentração fundiária, paralela à tendência de concentração já mencionada (Trevizan, 1996). A compreensão destes dois processos contrários e simultâneos, na mesma região, será possível a partir do desenrolar dos fatos, nos próximos anos. Provavelmente, apenas um dos dois processos tornar-se-á dominante, dependendo das alternativas do mercado, da política agrária e das condições tecnológicas oferecidas para a agricultura regional.

Embora de forma menos expressiva, os dados ainda sugerem que, além da crise do cacau, outros fatores estariam atuando no processo de reestruturação fundiária. Os elevados percentuais de trabalhadores, em alguns acampamentos, vindos de fazendas e de atividades diversas do cacau, indicam crise no setor primário em geral. Além de problemas no setor produtivo, também há problemas de natureza social. Houve acampamento com expressiva participação de pessoas na faixa etária mais elevada: 63% dos trabalhadores têm mais de 45 anos de idade; 16 % estão na faixa de 35 a 45 anos; e 21 % têm menos de 35 anos de idade.

No mercado de trabalho, a tendência é de demitir os trabalhadores mais idosos, mesmo que não estejam em idade avançada. Assim, uma vez desempregado, o trabalhador idoso estará fora do mercado para sempre. Com tal percepção, a única alternativa é a busca da terra própria, quando as condições forem favoráveis para tanto, isto é, quando for possível obter a terra sem conflito. Nesse sentido, a crise do cacau estaria interferindo na criação de condições favoráveis à ocupação de fazendas, com área considerável e em estado de abandono ou semi-abandono, na região, uma vez que tais fazendas estariam mais facilmente sujeitas à desapropriação.

CONCLUSÃO

As análises das relações entre o movimento social de luta pela terra e a crise do cacau na Bahia e do discurso dos participantes dos grupos

de sem-terra na região indicam que há estreita relação entre o movimento e a mencionada crise, particularmente com o surgimento e com a expansão da doença da vassoura-de-bruxa, o que revela a estreita relação que existe entre um fenômeno de natureza biológica (fenômeno natural) e um fenômeno de natureza social. O dismantelamento da estrutura produtiva regional, fundada na monocultura de exportação primária, teria criado condições favoráveis para que o movimento se expandisse, sem maiores conflitos entre os muitos desempregados, ávidos por um pedaço de terra para sobreviver, e a categoria de proprietários de terra, dispostos a venderem suas terras a um mercado que não remunera, a contento, tal fator de produção.

Se existem fatores específicos, em nível regional, para explicação dos fenômenos estudados, há também evidências de uma crise no setor agrícola em geral, incapaz de gerar emprego e de propiciar condições mínimas de bem-estar social. Isto se mostra na quantidade de famílias de sem-terra oriundas de atividades agrícolas outras que não seja cacau, e do elevado percentual de chefes de família, em idade avançada, que participam do movimento como única perspectiva de sobrevivência.

Finalmente, a expansão do movimento, em nível regional, pode ser compreendida levando-se em consideração fatores universais, como permissividade estrutural, estrangimento estrutural, crescimento e difusão de uma consciência generalizada da causa dos problemas e das soluções alternativas, e mobilização dos participantes por meio de lideranças, além de fatores específicos, localizados, com a desestruturação do sistema produtivo regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, M. S. X. (1996). "Os Movimentos Sociais e as Lutas Por Educação". In: CALADO, A. J. F. (Org.). **Movimentos Sociais, Estado e Educação no Nordeste: Estudos de experiências no meio rural**. João Pessoa: Editora Idéia. Pp.137-54.
- CALDART, R. S. (1996). Os Movimentos Sociais e a Construção da Escola (do Sonho) Possível. **Contexto e Educação**, n.º 41, pp. 100-31.

- GOLDSTONE, J. A. (1986). **Revolutions: Theoretical, Comparative, and Historical Studies**. Orlando, Florida: Harcourt Brace Jovanovich. 343 p.
- JACOBI, P. (1990). "Movimentos Reivindicatórios Urbanos, Estado e Cultura Política: Reflexão em Torno da Ação Coletiva e Dos Seus Efeitos Político-Institucionais no Brasil". In: LARANJEIRA, S. (Org.). **Classes e Movimentos Sociais na América Latina**, São Paulo: Hucitec, pp.220-44.
- MEMÓRIA, J. M. P. (1960). **Curso de Estatística Aplicada à Pesquisa Científica**. Fortaleza: Universidade do Ceará/Escola de Agronomia/ Instituto de Tecnologia. 243 p. (Mimeo).
- SIEGEL, S. (1975). **Estatística Não-Paramétrica Para as Ciências do Comportamento**. São Paulo: McGraw-Hill Ltda. 350 p.
- TILLY, C. (1974). "The Caos of The Living City". In: _____ (ed.), **An Urban World**. Boston: Little, Brown & Co. pp.86-108.
- TREVIZAN, S. D. P. e SILVA JÚNIOR, M. F. (1995). "Impactos Sociais, Econômicos e Ambientais Relacionados à Vassoura-de-bruxa". Resumo publicado nos **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**, Curitiba, PR.: SOBER, pp. 1409.
- TREVIZAN, S. D. P. (1996). "Mudanças na Estrutura Agrária no Sul da Bahia Associadas à Vassoura-de-bruxa do Cacaú." **Anais XXXIV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**. Aracajú, SE: SOBER, pp. 1433-51.
- VIOLA, E. J., SCHERER-WARREN, I. e KRISCHKE, P. (Org.) (1989). **Crise Política, Movimentos Sociais e Cidadania**. Florianópolis: Editora da UFSC. 149 p.
- WOOD, J. L. and JACKSON, M. (1982). **Social Movements: Development, Participation, and Dynamics**. 287 p.

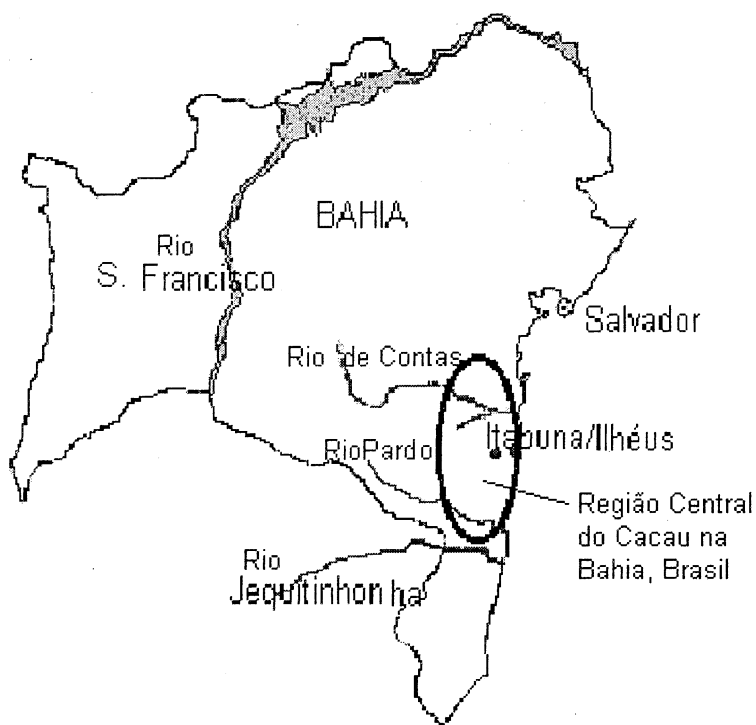


Figura 1 - A região Central do Cacau, no Estado da Bahia Brasil